

Anno V

Rio de Janeiro

REPÚBLICA
FEDERATIVA DO
RIO DE JANEIRO

Nº 109

DN QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.
Largo da Carioca N° 4 (Sobrado)



— Como bom cidadão brasileiro e eleitor, prefiro votar na sua urna tomando uma assignatura.
Os serviços que o Sr. nos presta, são muito superiores aos dos candidatos às actuais eleições.
D. Quixote. — Muito agradecido. Vê-se que o Sr. é um cidadão intelligent e patriota.
Sancho Pança — Infelizmente são poucos...

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE aquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como aquelles que ainda estavam em atraso.

Continua a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre.... 14\$000	Semestre.... 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

AVISO

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem igualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta, devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no enveloppe.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido, pois necessitamos saber antes de Janeiro de 1900 com que numeros de assignantes podemos contar para regular a nossa edição.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal antes do fim do anno, gozarão da remessa gratuita das folhas que se publicarem até o fim de Dezembro de 1899, embora a assignatura seja de Janeiro a Dezembro de 1900.

Receberão igualmente como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio — Largo da Carioca n. 4, sobrado.

O DON QUIXOTE

RIO, 30 DE DEZEMBRO DE 1899.

AS BOAS FESTAS

Chegamos ao fim do anno e, segundo alguns, ao fim d'este seculo.

Com que satisfação mudaremos os algarismos do já tão batido centenario 1800, que percorreu toda a escala até 1899, pelos de 1900.

E' natural que muitos, por habito, co-

meçarão por escrever 18... em lugar de 19... em qualquer documento, carta, pa-peis commerciaes ou particulares.

Quantas procurações ou contratos serão passados nos cartorios dos tabelliaes com os taes — digo.

Quantas vezes veremos escripto anno de mil oitocentos... digo mil novecentos?

Estes enganos dão-se tambem com as senhoras maduronas, que accusam sempre ter trinta annos mesmo depois de terem passado ha muito os quarenta. Estas, porém, não corrigem com o tal digo.

Questão de hahito, portanto.

Tambem é habito n'estas occasiões escreverem-se artigos especiaes de fim de anno, acompanhados das competentes chapa-s, já tão velhas e sediças, ridiculas e ensossas, apezar de terem o sal da oportunidade.

Haverá nada mais estapafurdio que a tal phrase: Desejo-lhe muito boas sahidas e melhores entradas.

E a outra: Boas festas.

Pois sim!... Boas festas, muito boas, não haja duvida, em uma quadra d'estas, em que a maioria da população vive *au jour le jour*, em que quasi todos tremem quando chega o fim do mez, por causa dos alugueis e outras despesas; agora, principalmente, no fim do anno, quando tudo se accumula, quando as notas e as facturas chovem de todos os lados, e—oh, ironia!—misturadas com pedidos de festas, tanto escriptos como verbaes, que surgem de todos os lados, cartões de visita com felicitações mais ou menos sinceras, etc., etc.

Todas essas considerações, assaz verdadeiras e algum tanto lamuriantas, me foram feitas por um amigo que, não ha dez minutos, se achava sentado junto á mesa em que escrevo.

Esse amigo é um typo verdadeiramente original e algum tanto bohemio. Intelligentissimo, laborioso e honesto, tem uma certa aversão a todas essas convenções sociaes e religiosas, em que ha dias determinados para a gente andar alegre ou triste, segundo indicam os almanachs e folhinhos.

Os dias que menos incomodam, dizia elle, são os da Semana Santa, apezar de obrigarem os fieis a metterem-se em roupa preta e bacalháo.

Os que realmente são insupportaveis, para os que não têm fortuna, são os de carnaval, com a sua orgia de confetti; os da Paschoa, com as suas amendoas e estes de fim de anno, com as taes festas.

Imagine um desgraçado tio como eu,

que tem a infelicidade de contar nada menos de vinte e quatro sobrinhos!

Eu, que nunca quiz casar-me por não ter meios de sustentar familia como desejo... com que cara e sobretudo com que festas posso apresentar-me a elles, ir cumprimentar e abraçar os manos e manas, primos e primas e toda a cara familia, não sendo, como sabes, favorecido pela fortuna?

Não ir, passaria por ser, além de mesquinho, um grande mal criado.

Para fingir-me doente seria preciso ficar em casa desde o dia 23 de Dezembro até fins de Janeiro, correndo o risco de ser visitado por parentes e amigos e com a probabilidade de descobrir-se a maroteira.

O melhor seria talvez fazer uma viagem e passar dois meses fóra da capital.

Ainda assim, para isso precisa-se de dinheiro e não pouco, e conseguir uma licença de meus patrões.

Já vês, pois, que nada pôde haver mais absurdo, mais aborrecido e mais terrivel que as taes festas para um pobre e pacato cidadão como eu, carregado de... sobrinhos.

Quasi ia dizer familia, mas n'esta circunstancia vem a dar o mesmo.

Ainda não ha uma hora, dirigindo-me para aqui na intenção de palestrar comigo, passei por perto de um mendigo; parei, olhei para elle e disse-lhe:

— Tu és um homem feliz!

O velho olhou para mim muito admirado.

Sim, repeti eu, és um homem feliz; não és obrigado a dar festas...

— E' verdade, meu senhor, mas posso recebel-as.

Achei graça na resposta e, pondo a mão na algibeira, puxei um maço de notas, das quaes a menor era de cinco mil réis.

Si fosse de mil réis ou mesmo de dois não hesitaria em dal-a, mas cinco... Pedir troco é ridiculo... Ora, adeus, hoje é dia de Natal; tome lá os cinco mil réis.

O velho estendeu a mão tremula, pegou na minha com força e beijou-a sem que eu pudesse impedir que tal fizesse. Quando levantou a cabeça para agradecer-me, vi umas lagrimas apontarem n'aquelles olhos, que exprimiam a maior alegria.

— Muito obrigado, meu senhor, que Deus o ajude em tudo; graças á vossa generosidade poderei, sem me fazer falta, empregar parte d'esse dinheiro em comprar no bazar francesz alguns brinquedos baratos para meus netinhos.

— Tu quoque?! Pois você tambem dá festas?

— Graças a V. S. poderei dal-as.

Todas as tardes, quando volto para a casa, levo-lhes uns biscoitos que caridosa-mente recebo em uma confeitoria. Imagina V. S. qual não será a alegria dos meus netinhos hoje, quando aos biscoitos eu juntar uns brinquedos, que pendurarei em qualquer arbusto arrancado no campo. Elles tambem terão a sua arvore de Natal!

E vi lagrimas rolarem sobre a alva barba do pobre velho, que chorava de contente.

Não pude conter-me, puxei mais uma nota de cinco, metti-lh'a na mão e fugi com receio que d'esta vez o velho quizesse me beijar na cara.

O resultado de tudo isso é que, apenas deixei o velho, fui empenhar o meu relogio com a respectiva corrente, para poder comprar brinquedos e ver tambem os meus sobrinhos pularem de contentes.

Por mais que se queira não se pôde fugir de certos habitos.

O que ha de mais engraçado em tudo isto é que, em lgoar de um artigo especial de fim do anno que ia escrever com as chapas do costume, empreguei todas as tiras de papel de que para isso dispunha, relatando a conversa do meu amigo, tio de 24 sobrinhos.

Sendo esta a ultima tira, da qual estou no fim, apenas me resta o espaço preciso para desejar aos assignantes do *Don Quixote* e unicamente a elles, com todo o lacobismo mas com a maior sinceridade, BOAS FESTAS e grande felicidade no anno novo e novo seculo de 1900.

Sancho Pança pediu-me para não dar as BOAS FESTAS sómente aos nossos actuaes assignantes, mas tambem áquelles que ainda o venham a ser.

A estes, pois, dedico a mesma chapa, desejando a todos boas saídas do seculo XIX e melhores entradas do XX.

ESBOÇO HISTÓRICO DA CARNE VERDE

(Continuação)

Estendendo o braço, a encantadora mulher entregou-lhe o rolo de papel, pedindo que examinasse com cuidado o negocio que elle continha.

— Isto não cheira bem, disse instinctivamente o illustre chefe, que passara um rapido olhar sobre o contrato da limpeza da cidade feito com a Municipalidade.

Ouviu-se então um gemido atraz da porta do escriptorio.

— Quem está ahi? perguntou elle com voz de Stentor, mascula e imperiosa, como quem está costumado ao commando.

— E' uma amiga minha, é a propria Empreza do Lixo, respondeu a Ambição; eu sou apenas uma intermediaria, e, como me disseram que o senhor era tão generoso como distincto cavalheiro, convidei-a a vir procural-o, e eis a razão...

— Pois não, fez muito bem, pôde entrar, disse o chefe, sentindo-se agradavelmente lisongeado.

E no mesmo instante uma mulher ainda joven, mas muito magra e mal vestida, com ar humilde e tristonho, entrou e sentou-se ao lado da Ambição.

Tomando então a palavra, esta disse:

— A minha amiga, que tenho o prazer de apresentar-lhe, é filha da Sra. Municipalidade.

— Conheço-a muito bem... E' boa peça a tal Municipalidade! Nunca montei em mula, por mais brava, que me dêsse tanto trabalho! Afinal amansei-a; e fiquem sabendo, minhas senhoras, que a tal Municipalidade tambem é parenta da minha *cara metade*, a Carne Verde.

— Ah, o senhor é casado?

— Isto é um modo de dizer. No comércio ou na industria os casamentos são à moda da Turquia, porém em sentido inverso; lá um homem sustenta varias mulheres, aqui são precisos varios homens para sustentar uma empreza.

— E' justamente o que procuro, disse a Empreza do Lixo, deitando uns olhos languidos ao illustre chefe.

— A propria Municipalidade, continuou este, fingindo não ter ouvido, não poderia dar á luz tantas emprezas e monopólios sem o natural concurso de seus maridos ou da maioria d'elles, que são os intendentes.

— E é d'ahi, disse a Ambição, que nascem tantas scenas de ciunes, que muitas vezes degeneram em grossa descompostura e pancadaria velha. E não é só com a Municipalidade, com as Sras. emprezas e companhias tambem dá-se o mesmo.

No meio da conversa a Sra. Ambição levantou-se e, approximando-se do chefe, disse-lhe baixinho ao ouvido: Ajude a minha pobre amiga, ella precisa tanto!

— Mas é tão feia... E além d'isso estou casado com a Carne...

— Que importa, isto não te impede de dar-lhe alguma cousa, e talvez com isso ella possa arranjar a sua vida, coitadinha...

E a Ambição, fitando-o com um olhar cuja expressão o fez estremecer, disse-lhe:

O contrato que ella traz é uma fortuna, não deves hesitar!

Minutos depois a Sra. Empreza do Lixo saia do escriptorio do illustre chefe levida e de cara alegre, sobrando um embrulho que com certeza devia ser de grande valor, a julgar pelo cuidado com que o segurava.

Não havia passado meia hora, uma elegante senhora, forte e robusta, ricamente vestida e cheia de brilhantes, apeava de uma bonita caleça puxada por magnifica parelha de cavallos de raça á porta do mesmo escriptorio.

— Cá estou, meu bem, disse ella ao chefe, a quem encontrára sentado á sua escrivaninha, algum tanto pensativo e preocupado, de lapis na mão a fazer calculos.

— Ah, és tu? E logo dois beijos foram trocados.

— Sabes o que me traz aqui? E' aquelle bonito collar de perolas que te dei para guardar no teu cofre com as demais joias, pois bem sabes que os gatunos não me permittem guardal-as em casa.

— Que collar é esse?

— E' aquelle, muito rico, que custou 50 contos.

— E para que o queres tu agora?

— Para ir a um baile e fazer ralarem-se de inveja alguns dos nossos inimigos, aos quaes tenho certeza de lá encontrar.

O chefe coçou a cabeça, passou as mãos pela barba e disse: O teu collar... emprestei-o a uma mulher que tem o encargo da limpeza desta cidade.

— E quem sabe si tambem da nossa?

Pelo menos já começou por limpar-me o meu rico collar...

— Ouça melhor! Aquella tua collega, que tambem é empreza como tu, tem um grande futuro! Bem sabes que não ponho prego sem estopa.

Em breve serás minha só como o serias hoje si não estivesse rodeado de tantos ladrões!

Por ora tu és a minha *cara metade* e quero possuir-te toda inteira!

Joias não te faltam, és rica e estás gorda; causas inveja a todos e particularmente ao *Jornal do Brasil*, que te descompõe diariamente e já não sabe para quem appellar!

Ao ouvir tudo isso, a D. Empreza das Carnes Verdes pensou que não havia outro remedio sinão conformar se com a vontade soberana do seu patrão e chefe e despediose, dizendo-lhe este: Confie sempre na minha boa estrella.



D. Quixote — Se não lhe fôr muito incommodo, não poderá encarregar-se de levar este bau. — O que contém elle? — Uma infinidade de coisas ruins: delegados de polícia, alguns intendentes, grande numero de jurados, não poucos juizes, políticos, uns directores da S. Christovão, um general da dita, um advogado da mesma, Brandaõ queimado, um resto de peste bubônica e ainda muita coisa mais... — E para onde querem que despache esse bau? — Para o inferno!!

Apenas viu-se só, o illustre chefe e patrão da Sra. Carne Verde pensou no que esta lhe dissera ácerca da tal *limpeza* e seismou.

Teria ella razão ?...

Chamando dois empregados, dos quaes um era descendente de africanos, disse-lhes: Vocês viram aquella mulher magrinha que d'aqui saiu, levando um embrulho ?

— Vimos, sim, senhor.

Vocês acreditam na Divina Providencia ?

Acreditamos, sim, senhor.

Pois então tu rezarás a S. Benedicto e você, que é branco, a Nossa Senhora do Carmo para que a tal moça seja feliz.

Amen, responderam os dois empregados.

(Continua).

Visitas presidenciaes

Os reporters de diversos jornaes que acompanharam o Dr. Campos Salles, quarta-feira, em suas visitas aos estabelecimentos industriaes d'esta capital, sentiram-se devéras emocionados quando viram o chefe do Estado mandar parar o carro diante da fabrica de velas e sabão do Sr. Peixoto de Castro.

Visitando em primeiro lugar o infeliz industrial, vítima do pavoroso incendio que destruiu totalmente a sua fabrica e rouhou a vida a dois infelizes operarios, com a mais horrivel das mortes, o Dr. Campos Salles deu eloquente prova de seus bons sentimentos humanitarios.

Já não era uma fabrica que S. Exa. visitava, eram ruinas ainda fumegantes.

Não eram os artefactos d'essa industria que attrahiam a curiosidade do Dr. Campos Salles, quando mandou parar o carro em frente ao n. 200 da rua Senador Euzebio, era uma homenagem á desgraça, ao fabricante infeliz, a quem o chefe do Estado quiz n'esse dia honrar com a sua primeira visita, manifestando-lhe o seu profundo pesar pelo que lhe acontecera.

O Sr. Peixoto de Castro, naturalmente commovido, agradeceu a honra que lhe acabava de dar o presidente da Republica, assim como as suas palavras de conforto e animação.

Apezar de incendiada e completamente destruida a sua fabrica, esse honrado industrial viu que nem por isso o chefe de Estado deixou de visital-a, mesmo em ruinas, aproveitando a occasião para aper-

tar a mão ao seu dono, que não pouco tem contribuido com sua industria para dar trabalho a muitos operarios, cooperando igualmente para o progresso que cada vez mais se accentua na nossa industria nacional.

*

Sensação inteiramente diversa sentiram o Dr. Campos Salles e igualmente o Dr. Murtinho, o Dr. Cochrane e os representantes da imprensa ao entrar na fabrica de chinellos, fôrmas para calçado e sapatinhos de crianças, do Sr. G. de Abreu filho.

O Sr. Abreu, chefe d'esta fabrica, com quem conversámos uns dez minutos antes de chegar o presidente, parecia sentir não ter mandado vir uma banda de musica.

Meu caro senhor, dissemos-lhe, a melhor musica é a da propria industria, produzida pelas machinas. Qualquer outra não vem ao caso e só serve para atrapalhar e atordear, como aconteceu na Edificadora, no Cajú, que por mais que o seu director, o Sr. Casimiro, se esforçasse em explicar os diversos machinismos da fabrica ao Dr. Campos Salles, vociferando-lhe aos ouvidos as applicações d'elles com todos os *ff* e *rr*, o illustre presidente nada ouvia, tal era o barulho infernal de uma musica de pancadaria que collocaram nas officinas.

Infeliz lembrança !

*

O Sr. Abreu deve-se ter convencido de que tinhamos razão, pois, apenas o presidente apeou do carro, um trocar de palmas e de vivas ao Dr. Campos Salles, ao Dr. Murtinho e á imprensa estrugiu de repente d'entre seiscentos ou setecentos operarios, a maior parte crianças, a ponto de ficarmos quasi atordoados pelo espaço de quasi dez minutos, que foi o tempo preciso para todos os operarios collocarem-se de novo em frente ás suas machinas, não menos barulhentas.

Era impossivel quasi ouvir o que se fallava a meio metro de distancia.

Deixamos a descripção d'essas fabricas aos nossos collegas diarios; o que apenas notamos aqui são certas impressões de occasião.

Por exemplo: O Dr. Campos Salles ficou com a cabeça e os hombros cheios de confetti, alguns dos quaes dourados, misturados com algumas petalas de rosas.

O Dr. Murtinho, com a cabeça cheia de petalas de rosas e até de rosas inteiras, o que lhe dava um aspecto semelhante, vista por detraz, a um vaso de flores.

Quando todos os visitantes foram á secção das fôrmas de madeira para cal-

çados e á frente dos quaes se achavam o Dr. Campos Salles e o Dr. Murtinho, as machinas engenhosissimas, porém meio republicanas, distribuiram com toda a liberdade, igualdade e fraternidade uma poeira finissima, que branqueou tanto o presidente da Republica como todos e igualmente nós, representante humilde da nossa imprensa.

Concluida a fabricação da fôrma que sahia de um tosco pedaço de madeira, apareceu uma modesta escova, que com certeza nunca supoz ter um dia a honra de escovar tão illustres personagens.

Escusado é dizer que ella foi aceita com todo o entusiasmo por todos os visitantes, que se utilizaram d'ella desde a gola da sobrecasaca até o ponto terminal das calças.

O mais bello pó é o do trabalho, dissemos ao Dr. Murtinho na occasião em que a escova lhe passeava pelo corpo.

E' pó de ouro, disse S. Ex. o ministro da fazenda.

Folgamos muito que assim o reconheça, pois que na verdade o pó que mais enriquece um paiz é esse.

Tomamos, portanto, nota d'esse dito do Sr. Dr. Murtinho, o qual é do melhor auguro para a nossa industria.

Impossibilitado de ir esse dia á importante fabrica do Rink, propomo-nos visital-a em outra occasião.

PEDRO ALVARES CABRAL

Foi com summo prazer que lemos o que abaiixo publicamos ácerca do nosso amigo e grande escultor Rodolpho Bernardelli com a devida licença do nosso sympathico collega Arthur Azevedo, que felizmente em materia d'arte sabe dar valor a quem merece, o que não acontece a certos collegas, verdadeiramente ignorantes e tolos com pretenções a entendidos.

Isto vae a quem toca.

Eis o que diz a «Palestra», de A. A., n'O Paiz do dia 29:

« Não tardam por ahí, de novo, Pedr'ales Cabral, Pero Vaz Caminha e frei Henrique.

D'esta vez não virão em caravellas, como ha quatro seculos, mas n'um confortavel paquete das Méssageries Maritimes; não virão em carne e osso, mas em bronze, esculpidos pela mãos de Rodolpho Bernardelli.

Tenho diante dos olhos uma carta do eminente escultor, escripta a 7 do corrente

no seu atelier parisiense do boulevard Montparnasse ; é provavel que a estas horas esteja terminada a fundição do grupo nas officinas Thiebaut.

Não descansou o artista enquanto não deu a ultima de mão na sua obra, concebida e executada com uma rapidez incrivel. Paris, a turbulenta Paris, com todas as suas seduções, com todos os seus embelecos, nem um momento o desviou do trabalho. Antes do prazo marcado, o monumento poderá ficar prompto, inteiramente prompto, sem ser preciso esperar por grades, lampeões e outros accessorios complementares.

E Bernardelli terá o seu terceiro monumento na praça publica, e os seus des-affectos continuarão a injuriar-o, negando-lhe até mesmo a qualidade de brasileiro, pelo facto de haver nascido no Mexico.

Honra á patriotica Associação, do 4º Centenario, que entendeu, e entendeu muito bem, que o estatuario brasileiro não se devia sujeitar a nenhum concurso, e commetteu-lhe a esmagadora imprudencia de perpetuar no bronze a gloria de Cabral, unicamente levada pela confiança a que tinha direito o grande artista.

Quando outros beneficios não resultassem da existencia d'essa associação, bastaria o bronze, que ahi vem, para dar-lhe todo o direito á gratidão do paiz.

Coelho Netto deve estar satisfeitosimo com esse primeiro fructo da sua ardente e vigorosa propaganda para a celebração do centenario brasileiro.»

Peço licença ao Arthur para observar-lhe que não será o terceiro mas o quarto monumento que ornará esta capital feitos pelo Bernardelli, fóra os que existem em cemiterios.

A proposito d'esses monumentos, que posso garantir não haver melhores na Europa, sobretudo em estatuas equestres, cuja maioria d'ellas é muito inferior como arte e execução ás que aqui temos do general Osorio e Duque de Caxias, notarei que as nossas intendencias, compostas unicamente de bugres e malcriados em matéria de arte, verdadeiros suinos, que não sabem dar valor ao que de mais importante ha n'esta cidade, que passam por essas perolas artisticas sem as comprehender, que olham para monumentos como bois para palacios ; notarei, repito, para que se saiba *urbi et orbi* e para que aprendam a ser bem criados e mais civilizados, pois que não houve até hoje quem se lembrasse de dirigir o menor agradecimento a esse grande artista — talvez por não votar em eleições — nem tão pouco, creio, ás commissões que mandaram executar esses monumentos de subido valor e que

tanto embellezam as nossas praças mostrando que a escultura, essa grande e difficil arte, chegou entre nós ao mais alto grão.

As nossas municipalidades, que nunca contribuiram siquer com um nickel para trabalhos d'essa ordem, devem saber que em toda a parte do mundo, onde se usa casaca e cartola como entre nós, ha sempre uma folha de papel nas secretarias municipaes, para com um officio, dirigido ao artista e ás commissões, se agradecer o valioso auxilio que prestam em enriquecer artisticamente as praças e ruas de uma cidade, que em toda parte se acham sob a administracção directa das municipalidades.

Como o nosso dever não é só censurar mas ensinar, aproveitem esta lição, pela qual esperamos que os Srs. intendentes nos ficarão agradecidos.

A' commissão de Campinas encarregada de mandar executar a estatua do grande maestro Carlos Gomes, recomendamos o artigo que aqui transcrevemos de Arthur Azevedo.

Esta estatua já estaria ha muito tempo prompta, si a tal commissão não estivesse dormindo durante dois annos.

Será preciso que um bello dia o *Don Quixote* tenha de acordal-a ?

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos :

CAPITAL PAULISTA. N. 7. Publicação litteraria impressa em S. Paulo. Contém um bello retrato de Almeida Junior, como homenagem, artigos e versos bem interessantes.

ENSAIOS LITTERARIOS, de Augusto Franco, com um prefacio do Dr. Dunshee de Abranches. Basta saber que este illustre jornalista escreveu o prefacio para desejar ler essa interessante brochura.

RELATORIO apresentado ao presidente do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Alberto Torres, pelo secretario das Obras Publicas, Dr. Hermogenio Pereira da Silva.

RELATORIO apresentado ao Dr. Hermogenio P. da Silva pelo engenheiro Marcellino Ramos da Silva.

CORTE DE APPELACÃO — n. 2.018 Ap-

pellante, Banco da Republica do Brasil — Appellados João L. Modesto Leal e outros, socios do Syndicato Fluminense.

Não seria máo que appellassem tambem para o *Jornal do Brasil*.

ALMANACH da pharmacia e drogaria de Carvalho, Giffoni & Comp. Bom de ler para as pessoas que gozam de perfeita saude.

FOLHINHAS

Da CHAPELARIA AMERICANA, acompanhada de um lindo cartão pintado e desenhado a mão, no qual nos envia cumprimentos. Agradecemos aos Srs. Carvalho Portugal & Comp., donos d'esta importante Chapellaria da rua do Ouvidor, seu delicado mimo.

Da COMPANHIA LUZ STEARIA, desenhada pelo Julião Machado com aquelle chic que lhe é peculiar.

Bem poderia ser acompanhado de alguns pacotes de velas...

Ao GRANDE EMPORIO DE CHAPÉOS, do Sr. José M. da Motta, da rua do Ouvidor 83.

Quatro lindas meninas passeando em um tronco de arvore.

GRANDE OFICINA DE PINTURA e armazem de vidros, do S. Joaquim J. de Arede — 61 rua do Lavradio. — Uma gentil criancas com pincel na mão e disposta a pintar... talvez o sete.

CONVITES E CUMPRIMENTOS

ANTONIO MEIRELLES & C^a. de S. Paulo, Camisaria Moscotte, enviando-nos os seus cumprimentos.

CLUB DO RIACHUELO, para a festa das crianças em 24 de Dezembro.

CLUB DE S. CHRISTÓVÃO, para o baile offerecido á directoria no dia 31 de Dezembro.

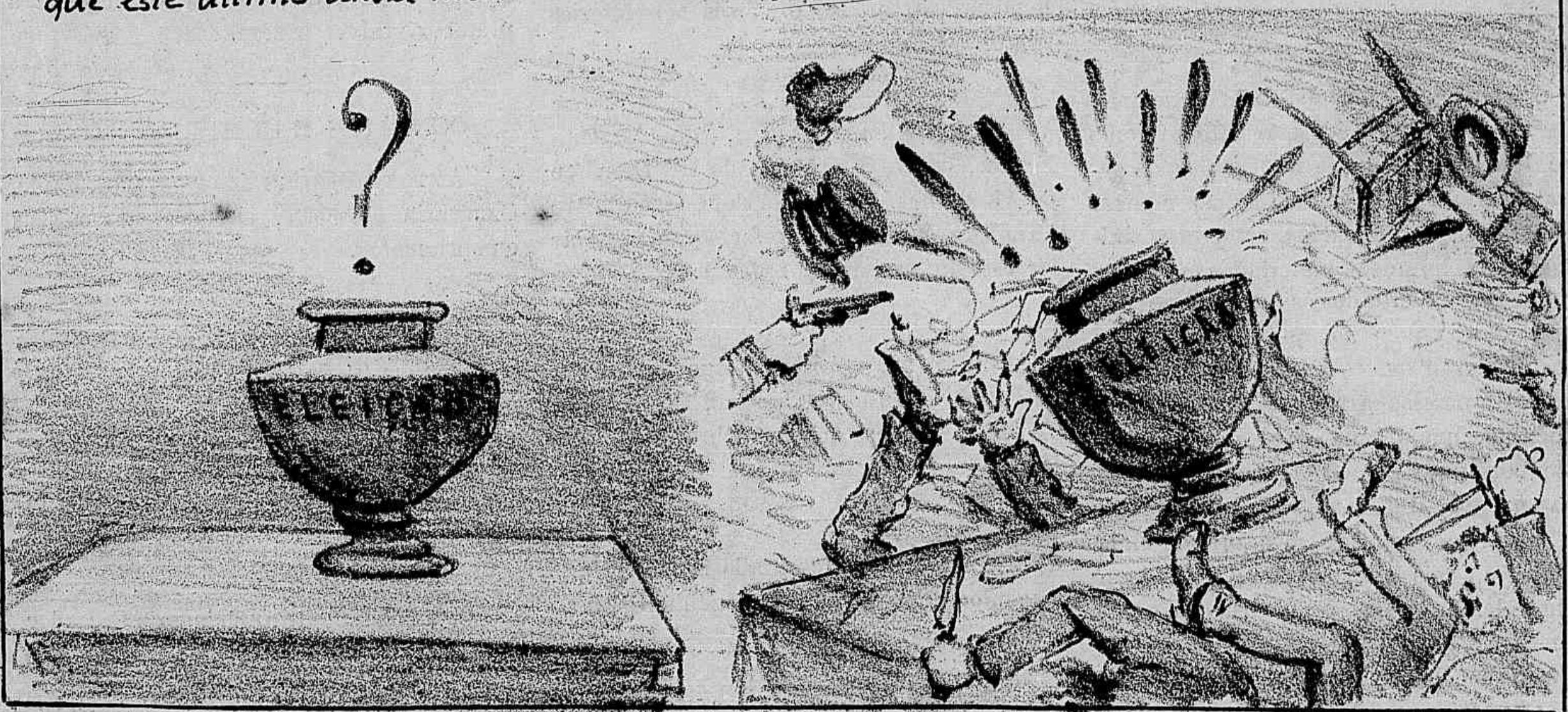
O Commandante e officiaes do Cruzador Tiradentes a despedirem-se.

Feliz viagem lhes desejamos.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



As constantes visitas do Dr. Campos Salles à nossa Indústria, até em dias de chuvas torrenciais, fazem suppor que S. Ex^o nutre serio rabicho. — já o tínhamos previsto. — Nossos sinceros parabens à Indústria por tão bella e honrosa conquista. Consta entre os reporters que acompanham o Sr presidente e o Dr. Murtinho nessas visitas, que este ultimo anda meio enciumado. (O Baldorero é quem o diz.)



*Na véspera.
O que sahirá?*

*No dia.
Grande sarilho e pancadaria de criar bicho!*